

tas: Loti, Flaubert, Tailhade, Verlaine, Mallarmé, Schwob, Rimbaud, Gide, Merrill, Kahn, Klingsor; e também, pelo lado italiano, Butti, Quaglini, Pica, Lucini, D'Annunzio. Mas são igualmente exploradas outras ligações, como é o caso de Dante, cuja memória subjaz a várias formulações que têm a ver com uma ideia-chave do Futurismo, o alcance das estrelas. Inspira *La conquête des étoiles*, de 1902, percorre o *Manifesto de fundação* e subjaz ao sucessivo *Uccidiamo il chiaro di luna*, do mesmo ano de 1909. Assim se compreende como o que há de decadentista e de simbolista no primeiro Marinetti se projecta através de uma vontade de superação que em si contém os gérmenes do Futurismo.

As dezoito páginas finais, onde é coligida uma bibliografia seleccionada, constituem um guia muito útil, em particular para o leitor estrangeiro, quanto a recolhas bibliográficas sobre o Futurismo; à obra de Marinetti; a antologias e compilações de manifestos; à biografia de Marinetti; a estudos críticos; e teatro. Pelo que diz respeito a este último ponto, a autora da monografia acompanha e desenvolve um tema

que tem vindo a merecer, ultimamente, particular destaque, ou seja, o modo como a teatralidade recobre os mais variados aspectos da actuação futurista, de forma a converter essa vertente espectacular em instrumento fundamental daquela ambição de atrair um vasto público, tão característica dos movimentos de vanguarda. RITA MARNOTO

V. de Saint-Point, *Manifesto da mulher futurista. Manifesto futurista da luxúria*, trad. de Célia Henriques, Lisboa, & etc, 2009, pp. 75

Entre as dezenas de livros da mais variada ordem – nem todos úteis – que cada mês surgem nas estantes das livrarias portuguesas, encontrámos em Maio um que é quadrado mas, ao mesmo tempo, não o é, respeitando a marca da sua editora, a *& etc* de Vítor Silva Tavares, e que leva o duplo título de *Manifesto da mulher futurista* e *Manifesto da Luxúria*, por Valentine de Saint-Point. Referimos o pormenor da forma do livro não só por ser, como dissemos, um traço inimitável desta pequena-grande editora lisboeta, mas porque a história dessa esco-

lha editorial é de directa filiação Futurista, quase a sublinhar a importância desta nova publicação dos textos de Saint-Point. Conta Vítor Silva Tavares – fundador e alma da *& etc* desde os seus começos, quando isto tudo era apenas uma revista cultural do *Jornal do Fundão* e José Cardoso Pires ainda andava por estas bandas – que a ideia de escolher um rectângulo que contivesse em si, harmonicamente, um quadrado lhe veio de uma antiga conversa com Almada Negreiros. Almada tinha-lhe perguntado se sabia como tinha chegado a determinadas conclusões em relação aos Painéis atribuídos a Nuno Gonçalves e, perante a resposta negativa do amigo, Almada replicou: “Cheguei aqui sem cálculo”. Apesar de achar a afirmação de Almada apenas uma *boutade* futurista, o editor da futura *& etc* começou a desenhar à mão um quadrado dentro de um rectângulo, ajustando progressivamente a relativa proporção, até chegar ao formato da capa que todos conhecemos. Através da obsessão geométrica de Almada que ainda vive no invólucro deste livro, chegamos também à importância dos textos de Saint-Point que a *& etc*

acaba de editar: *Manifesto da Mulher futurista*, *Manifesto da Luxúria*, *Amor e Luxúria*, *O Teatro da Mulher*, *As minhas estreias coreográficas* e *A metacoreia*.

O *Manifesto da Luxúria* já tinha sido publicado no número único da revista *Portugal Futurista* que viu a luz em 1917 e que recolhia os textos daqueles que, entre Lisboa e Paris, se proclamavam futuristas. Uma revista considerada perigosa e logo apreendida pela polícia, que ao conjunto de textos futuristas portugueses acrescentava dois textos em tradução: um de Filippo Tommaso Marinetti sobre o *Music-hall*, enérgico espectáculo futurista, e o outro de uma mulher, francesa e também futurista, o *Manifesto da Luxúria* de Saint-Point, declamado na I Conferência Futurista de Abril de 1917, organizada por Almada Negreiros. Teolinda Gersão, no ensaio que introduz a reedição de *Portugal Futurista*, atribui dois significados distintos à escolha de publicar o texto de Saint-Point: chocar um público habituado a não ouvir falar de determinados assuntos e dar uma “chicotada à nossa literatura, sobretudo lírica, [...] toda feita de amadas inexis-

tentes de tão etéreas, de paixões sem objecto que se alimentam de si mesmas, enrodilhando-se sobre a sua própria impotência”. O *Manifesto da Luxúria* pretendia ser, portanto, uma chapada na cara daquele público português sonolento que os Futuristas queriam despertar para a vida. E é por isso que esta nova publicação dos textos de Saint-Point nos parece um fragmento importante da memória artística portuguesa, resgatada do esquecimento por um editor clarividente, especialmente neste ano de 2009 em que se recorda o valor explosivo da vanguarda futurista.

Valentine de Saint-Point foi uma artista poliédrica com uma vida de romance. Começou poetisa, tornou-se dançarina vanguardista e acabou na miséria mais obscura, perdida entre os dédalos do Cairo. Costuma-se dizer que foi a inventora da dança como *performance*, uma vez que criou uma nova forma de bailado – que entendia como arte total – para a qual escolheu o nome de *Metacoreia*, ou seja, uma dança que “vai para além do coro”, com referência ao papel do coro na tragédia grega clássica, que devia ser ultrapassado

para que a dança pudesse ser também arte completa e de vanguarda, como esclarece no texto que tem como título o nome da nova dança *cerebral*. Para além disso, a artista não esqueceu o Teatro, outra forma de arte performativa que o Futurismo contribuiu para mudar radicalmente. Com *O Teatro da Mulher*, Saint-Point deixa-nos uma das mais profundas reflexões acerca da representação da mulher no teatro da época, heroína da mediocridade e de todas as fraquezas, colocando em causa poetas do calibre de D’Annunzio e Maeterlinck, como prova do facto que, “na vida, o homem não se interessa pela mulher senão através da atitude que ela desempenha na sua existência”.

Porém, Saint-Point ficou célebre sobretudo por ter desafiado descaradamente a misoginia de Marinetti, que desde o *Manifesto de fundação* proclamava como indispensável, para a nova sociedade futurista, o “desprezo pela mulher”. No *Manifesto da mulher futurista*, publicado simultaneamente em Paris e em Milão apenas três anos depois da difusão do *Manifesto de fundação do Futurismo*, a artista francesa propõe um mo-

delo de mulher nova que não se identifica com as feministas – acusadas de quererem organizar ainda mais a sociedade em classes definidas – mas sim com os homens que desprezam a fraqueza, o sentimentalismo e a decadência fêmea. Saint-Point incita as mulheres a voltar “à violência, à crueldade”, para que sejam força que bombeia linfa vital na sociedade e não apenas “polvos dos lares” que tornam os homens anémicos. Esse renovado vigor da mulher contemporânea reside, para Saint-Point, precisamente na luxúria, que interpreta como força verdadeiramente futurista, como argumenta no já citado *Manifesto futurista da Luxúria* (1912). A luxúria “incita as Energias e desencadeia as Forças”, é flor que brota das duas maiores manifestações da sensualidade, a Arte e a Guerra, desde que seja despojada de “todos os véus sentimentais que a deformam”. O poder inovador da ideia de Saint-Point reside na análise muito dura do diferente significado que a luxúria adquiriu no espaço da moral cristã, que da alegria do “desabrochar de uma carne poderosa ela fez uma vergonha a esconder, um vício a

renegar”. Esta mesma visão está na base de *Amor e Luxúria* (1913), texto publicado na revista *Montjoie!*, dirigida pelo companheiro di Saint-Point, um editor de origem italiana chamado Ricciotto Canudo. Trata-se de uma resposta a Camille Mauclair, intelectual de ascendência simbolista, que defendia a criação de casas de passe “para uso de mulheres solitárias ou abandonadas”. Para Saint-Point isso não passaria de uma hipocrisia que levaria a esconder ainda mais o desejo, a encapsular a luxúria e, no fundo, “não a libertar-se, mas a mudar de cobardia”.

Os escritos de Valentine de Saint-Point resultam vanguardistas ainda hoje, nesta nova edição *quadrangular* em língua portuguesa, bem contextualizados no seu e no nosso tempo pela introdução de Fernando Cabral Martins, pelas raras fotografias da *dançarina velada* e dos protagonistas da sua vida, por uma cronologia exacta daquela que foi uma verdadeira aventura intelectual e pelo prefácio de Jean Morel, que ajuda o leitor ainda novato a perceber melhor esta artista de ruptura. CLELIA BETTINI